

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA

Inventário Arqueológico: Uma Viagem ao Passado Arqueológico de Balugães



BARCELOS
1991

)
2/904(469.12)(04)
M

Separata da «Barcelos-Revista»

à Biblioteca Municipal
Com anexo
Paula S. Mendes

INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO: UM VIAGEM AO PASSADO ARQUEOLÓGICO DE BALUGÃES

Carlos A. Brochado de Almeida

Balugães é uma das freguesias do extremo setentrional do concelho de Barcelos. Limitam-na a Sul e Nascente os rios Neiva e Neboinho, a Norte e Poente os contrafortes da serra da Padela. Servem-na as estradas nacionais n.º 308 Viana-Braga pelo cruzamento dos Corvos (Vila Verde) e a n.º 204 Barcelos-Ponte de Lima (Fig. 1). Tornaram-na famosa, a partir do século XVIII, as aparições Marianas a João Mudo, traduzidas no magnífico santuário dedicado a Nossa Senhora da Aparecida (1) hoje também igreja paroquial, já que o velho templo (2) de raiz românica, além de geograficamente deslocado, em função da actual mancha habitacional, era também insuficiente para responder ao crescente aumento demográfico.

O orago desta freguesia é S. Martinho (3) e não São Bento, como por vezes é referido em algumas publicações (4). São Bento é, tão somente, o patrono de uma pequena capela situada na confluência das estradas

(1) Fonseca, Teotónio da, *O Concelho de Barcelos, Aquém e Além-Cávado*, Vol. I, Barcelos, 1987, pág. 132.

(2) A mudança deu-se no ano de 1927. Cfr. Fonseca, Teotónio da, *op. cit.*, pág. 133.

(3) Nas Inquirições de 1220 diz-se textualmente: «de Sancto Martino de Barugaes».

(4) Hernando Gonzalo, A., *La Orfebrería durante el Calcolítico y el Bronce Antiguo en la Península Ibérica*, «Trabajos de Prehistoria», Vol. 40, Madrid, 1983.

— Jorge, Susana Oliveira, *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves — V.ª P.ª de Aguiar*, Vol. I-B, Porto, 1986.

— Monteagudo, L., *Orfebrería del Noroeste Hispanico en la Edad del Bronce*, «Archivo Español de Arqueología», Vol. XXVI, 1953.

— Ruiz-Gálvez Priego, M., *El Bronce Antiguo de la Fachada Atlántica Peninsular: Un ensayo de Periodización*, «Trabajos de Prehistoria», Vol. 36, Madrid, 1979.

— Savory, H. N., *Espanha e Portugal*, Lisboa, 1974.

MUNICIPIO DE BARCELOS¹³¹

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54951

Barcelos

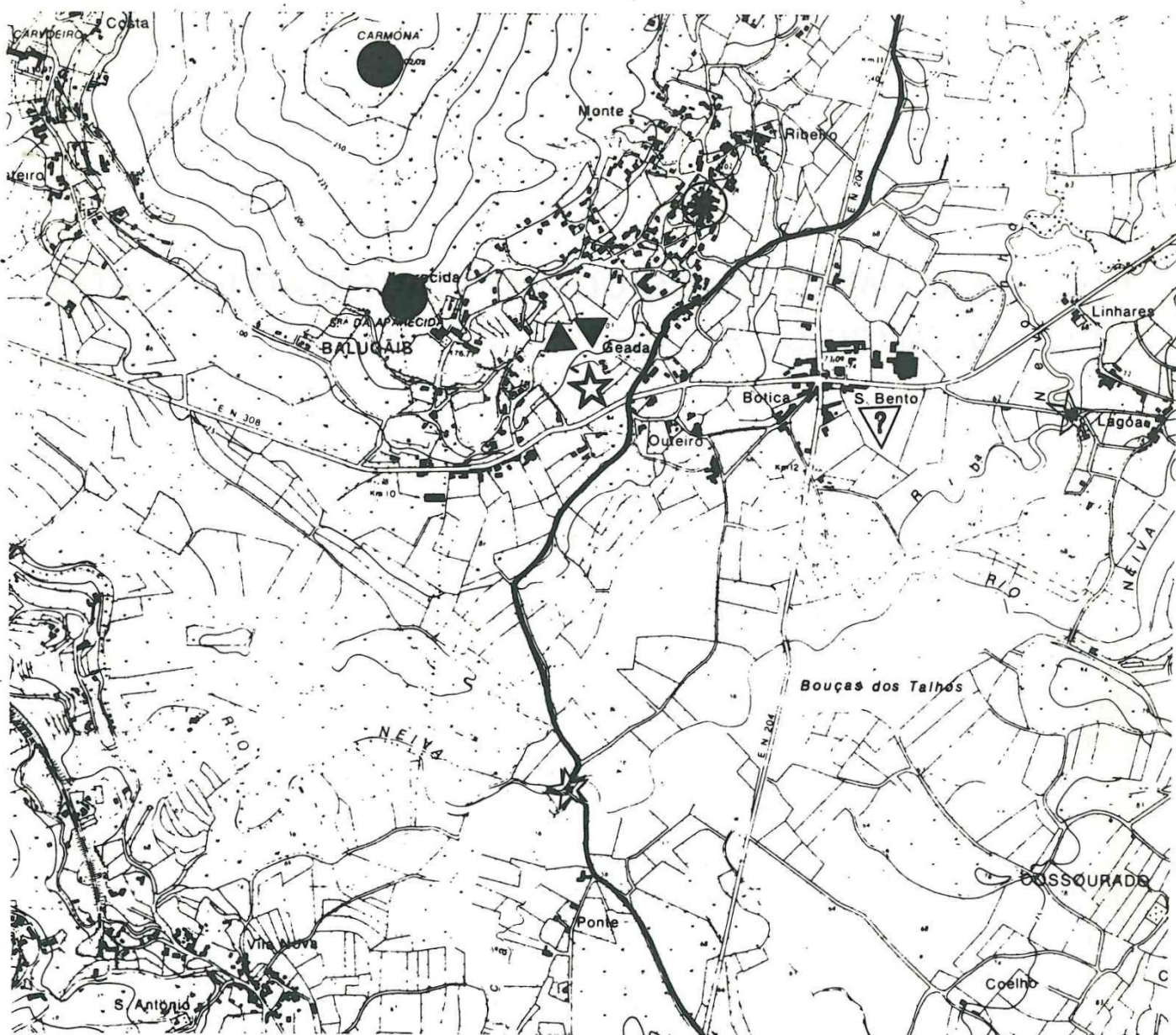


Fig. 1

- **Castro**
- ✱ **Igreja Românica**
- ▼ **Sepultura Romana**
- ▲ **Sepulturas cavadas na rocha**
- ★ **Habitat de Época Romana da Laje**
- ✱ **Ponte das Tábuas**
- ✱ **Ponte da Caridade**
- △ ? **Hipótese de localização da cista da Idade do Bronze**

atrás referidas. Trata-se, neste caso, de um pequeno templo mandado reformar em 1727 pelo abade Francisco Teixeira Tinoco. Da capela primitiva resta a capela-mor com um arco-cruzeiro ogival ornado de troncos de árvore com os ramos e florões.

Mas compreende-se o engano, principalmente em estudos de vincado pendor arqueológico, já que a base referenciadora é o espólio da cista megalítica, depositado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia sob a denominação de «São Bento de Balugães». São Bento, para além da capelinha já mencionada é, igualmente, um dos lugares da freguesia e fácil é de deduzir que o túmulo em questão se situaria, na sua área de influência.

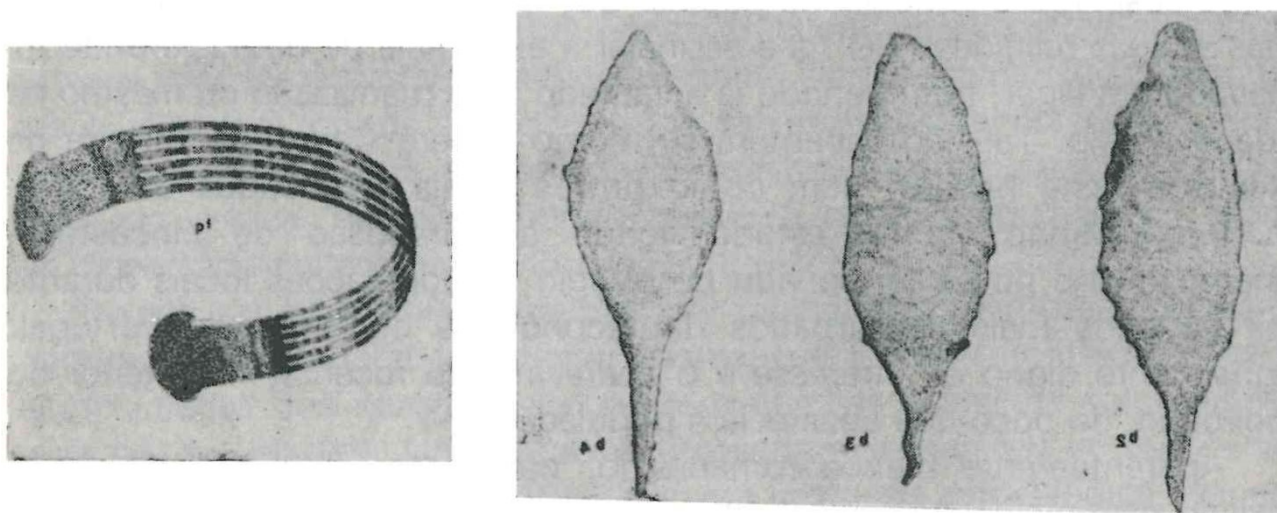


Fig. 2

Atribuído ao período que medeia entre 1800 e 1600 a. C., o espólio desta cista de quem sabemos, somente, ser de inumação e cavada no solo, é o mais antigo da freguesia em termos cronológicos. Formam-no 4 pontas de seta de cobre arsenical «tipo Palmela» e uma «gargantiha» de tiras em ouro (5) (Fig. 2); no fundo, um conjunto funerário que se enquadra, tal como o da Quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira) (6) ou o de Chã de Arefe (Durrães) (7) — este localizado a algumas

(5) Idem.

(6) Idem.

(7) Silva, Armando Coelho F. da, Lopes, António Baptista, Maciel, Tarcísio Pinheiro, *A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães-Barcelos)* — Primeira notícia, Sep. do «Arquivo do Alto Minho», Vol. XXVI, Viana do Castelo, 1981.

centenas de metros para lá do rio Neiva — no contexto cultural de filiação Atlântica.

Viajando no tempo, vamos encontrar, no aro da freguesia, dois habitats da Idade do Ferro: o da Carmona e o da Senhora da Aparecida (Fig. 1).

O da Carmona, já referenciado no século XVIII (8), situado nos contrafortes da serra da Padela e na linha divisória da freguesia de Balugães com Carvoeiro (9), é um povoado de médias proporções, protegido por um sistema defensivo, do qual ainda são visíveis panos das três muralhas em pedra que o circundavam. No seu interior, bastante maltratado por curiosos e caçadores de tesouros, notam-se algumas casas circulares, cerâmica castreja manual e feita à roda, tegula, ímbrex e algumas cerâmicas de importação, caso das sigillatas hispânicas e das ânforas.

A despertar a curiosidade popular que nela vê uma «ara de sacrifícios das antigas religiões» (10) há a assinalar a existência de uma laje onde foi cavado um lagar, num período já adiantado da romanização ou mesmo na Idade Média. Tal não espantará se, como sugere Carlos A. Ferreira de Almeida, este habitat, bem como outros locais fortificados do Entre-Douro-e-Minho, tenha estado ligado ao processo de «incastellamento» (11) e possa ter servido de refúgio às populações locais durante os períodos mais conturbados da reconquista do norte de Portugal. Igualmente digno de interesse é o aparecimento recente, no interior do povoado, do poço que abastecia a população.

Aparentemente menos romanizado, parece ter sido o habitat que existia nas imediações e a Oeste do santuário de N. S.^a da Aparecida. E dizemos existia, porque dele, hoje, quase nada resta. A destruição chegou pela mão da Confraria que superintende aos destinos do santuário, quando empreendeu o alargamento do espaço destinado às viaturas dos romeiros que demandam o local e pretendeu dar ao sítio um ar mais urbano através de um incipiente ajardinamento.

(8) Argote, Jerónimo Contador de, *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, 1732, pág. 200. O P.e Carvalho da Costa, *Chorografia Portuguesa*, t. I, 2.^a ed., Braga, 1868, pág. 272, acerca deste povoado diz textualmente: «Santa Maria de Carvoeiro, convento antigo de religiosos Bentos, tomou o nome de huma grande cidade que houve no alto de hum monte, que lhe fica por cima, de que se vêm vestígios. Chamava-se Carbona pelo carvão que alli se fazia».

(9) Por isso não será de estranhar que apareça na documentação medieval como «subtus monte Carvonario et Aguilar et ribulo Neviola territorio Bracarense». *Liber Fidei*, doc. 547 de 1120.

(10) Fonseca, Teotónio da, *op. cit.*, pág. 138.

(11) Almeida, Carlos A. Ferreira de, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, 1978, pág. 33.

O espólio cerâmico, que se consegue vislumbrar nas bermas dos arruamentos que cortam a antiga área habitacional, é de proveniência indígena e tipologicamente afim ao castro da Carmona. A ausência de cerâmicas de importação — vimos somente pequenas quantidades de tégula — é, certamente, só aparente. Este povoado, pela sua situação em relação às terras agrícolas da encosta e às agras que marginam o Neiva, sem ser estruturalmente um «castro agrícola», estava em melhores condições, que o da Carmona, para liderar o processo agrícola que se acelerou com a chegada dos romanos.

Seja como for a passagem da Idade do Ferro local para o universo romano ultrapassa, em muito, a simples transmissão de um testemunho.

Os tempos são outros, a mentalidade indígena adaptou-se a novos padrões. Por outras palavras, a agricultura que ontem não passava de uma actividade secundária no contexto económico castrejo transformou-se, por força das circunstâncias, numa verdadeira revolução. Encostas e vales, em termos agrícolas até aí subaproveitados ou mesmo ignorados, passaram a ser objecto de desbravamento, de disputa, de partilha, de cobiça, enfim um longo processo onde mergulham as raízes da dispersão habitacional do Entre-Douro-e-Minho.

Parece ser hoje ponto assente que os primeiros sintomas desagregadores da sociedade tradicional castreja se podem identificar com o aparecimento dos «castros agrícolas» e com as primeiras colonizações isoladas do vale (12). Uns e outros vão sendo conhecidos ao longo das bacias dos rios nortenhos à medida que a pesquisa arqueológica avança. E com ela, a visão que vamos tendo da ocupação do espaço alicerça-se cada vez mais, apesar das cambiantes próprias de cada região e lugar.

A freguesia de Balugães possuía nos primórdios da ocupação romana alguns bons argumentos agrícolas: encostas de suave pendor orientadas para os cursos de água e, nas margens destes, bons terrenos de aluvião propícios à actividade agrícola. A complementar este quadro há ainda a juventude hídrica dos cursos de água que, em condições de normalidade, não favoreciam o alagamento das margens e a consequente destruição das culturas.

Neste cenário, que gradualmente se foi metamorfoseando nos campos

(12) Almeida, Carlos A. Brochado de, *Proto-história e Romanização do Vale Inferior do Lima*, Póvoa de Varzim, 1990.

— Almeida, Carlos A. Ferreira de, *Arte Castreja*, «Arqueologia», Vol. 13, Porto, 1986.

— Almeida, Carlos A. Ferreira de, *O castrejo sob o domínio romano: sua transformação*, «Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia», Compostela, 1983.

em socacos que caracterizam a paisagem minhota, tudo aponta para a ausência dos «castros agrícolas» (13). Em contrapartida, podemos documentar, sem precisão cronológica, um outro tipo de ocupação, que privilegia as encostas ou então os pequenos cabeços que se demarcam das agras que marginam os cursos de água. Estamos a referir-nos, muito concretamente, aos vestígios aparecidos na quinta das Giestas, Torrelhas (14) e Laje (Fig. 1).

Na primeira, situada no lugar do Outeiro, falam da sua ascendência, a tégula, as mós manuais, a cerâmica comum e os pesos de tear. Na segunda, também no lugar do Outeiro, sabemos ter aparecido uma sepultura, na altura atribuída a franceses mortos por altura das invasões (15).

Na Laje — na crista dos campos cultivados e nas terras revolvidas pelas máquinas que cortaram, para alargar o caminho que dá acesso ao novo parque de jogos — abunda a tégula e a cerâmica comum de época romana. Nesta pontificam algumas que, sem grandes margens para dúvidas, poderemos englobar no grupo regionalizado das cinzentas páleo-cristãs que Rigoir estudou para a Gália e às quais atribui uma cronologia que oscila entre os finais do séc. IV e o VI (16). Mas a presença de cerâmicas mais tardias, caso das baixo-medievais e posteriores, bem como de sepulturas cavadas na rocha cuja cronologia normalmente aceite oscila entre o século IX e o XI, faz dilatar a ocupação e dar razão àqueles que defendem que a localização deste tipo de túmulos, para além de outros factores, tem a ver também com as vias de comunicação (17).

A presença de vestígios coloca-nos uma série de interrogações às quais não é fácil responder sem intervenções arqueológicas.

A quinta da Giesta, bem como a casa de Torrelhas, situam-se ambas no lugar do Outeiro e, por isso mesmo, adjacentes ao lugar da Laje. Digamos que são topónimos relativamente próximos e que têm em comum o facto de os vestígios aí aparecidos serem, grosso modo, reminiscências de ocupações de época romana, com perdurações que se podem dilatar até períodos avançados da Alta Idade Média.

A quinta da Giesta é uma propriedade agrícola, em socacos, que da es-

(13) Se não os podemos documentar aqui, eles existem mais a Nascente como, por exemplo, em Cadém, freguesia de Calvelo. Almeida, Carlos A. Brochado de, Baptista, António José, *Castros e Castelos de Ponte de Lima*, Sep. «I Colóquio Galaico-Minhoto», Ponte de Lima, 1981.

(14) Fonseca, Teotónio da, *op. cit.*, pág. 139.

(15) Fonseca, Teotónio da, *op. cit.*, pág. 139.

(16) Rigoir, Jacqueline, *Les Sigillées Paléochrétiennes Grises et Orangées*, «Gallia», t. XXVI-I (1968).

(17) Barroca, Mário Jorge, Morais, António Joaquim C., *Sepulturas Medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)*, «Arqueologia», Vol. 8, 1983, pág. 99.

trada nacional n.º 308 se estende até à Laje e ao campo de futebol . Delimita-a, a nascente, a velha estrada romano-medieval. Ora, é precisamente do outro lado da velha via que está a casa de Torrelhas, sítio onde terá aparecido a sepultura de que nos fala Teotónio da Fonseca.

Seja como for e apesar de nos faltarem dados arqueológicos mais precisos, tudo parece indicar que a área que hoje compreende o Outeiro e a Laje, serviu de base habitacional a moradores que se dedicavam à exploração das agras que se estendem até às margens do Neiva e Neboinho.

Problema de monta é sabermos, no actual estádio dos nossos conhecimentos, se no sítio em questão houve uma «villa» com todas as suas infraestruturas ou se, pelo contrário, a exploração se fez a partir de «aedi-ficiae» que, por estarem localizados nas imediações da via, dariam a ilusão de um pequeno «vicus». São, sem dúvida, questões pertinentes, mas às quais não sabemos para já responder com maior precisão.

Destes sítios ou dos habitats castrejos já referidos, é provável que provenha a parte superior de uma ara (18). Feita em granito da região, conserva uma pequena parte do campo epigráfico, onde estão ausentes quaisquer tipo de letras. A cabeça, moldurada, possui um *foculus* circular e lateralmente vestígios das típicas molduras (Fig. 3).



Fig. 3

(18) Esta ara foi descoberta pelo sr. António Baptista de Abreu, já falecido. Presentemente desconhecemos o seu paradeiro.

Os vestígios que vimos na Laje, mesmo os mais antigos, pertencem ao final da ocupação romana. Depois, intermitentemente ou não, a vida aconteceu neste sítio até aos tempos actuais. Ao período compreendido entre os séculos IX e XI (19), devem ser atribuídas as duas sepulturas cavadas num rochedo situado paredes-meias com a ocupação atrás descrita (Fig. 4, 6 e 7). O seu conhecimento remonta há já alguns anos, quando a mesma pessoa que recolheu a ara os descobriu e limpou, gerando-se então e a partir daí, a ideia que eram os túmulos onde haviam sido enterrados os pais de João Alves, o vidente de N.ª S.ª da Aparecida. Como explicação, somente o facto de elas se encontrarem nas imediações do sítio onde a tradição popular coloca a sua casa.

Com uma orientação NW-SE, foram cavadas num afloramento rochoso de grão grosseiro (Fig. 5 e 6) e, são do tipo não-antropomórfico. O seu formato é sub-rectangular, os ângulos arredondados e a profundidade medeia pelos 34 cm (Fig. 6, 7 e 8). A zona envolvente denota trabalho humano, não só na regularização da superfície, como na feitura de um largo rebordo destinado, ao que tudo indica, a sustentar a tampa (Fig. 5).

Como atrás referimos a estação arqueológica da Laje, está localizada nas imediações da antiga via romana que, da zona de Barcelos, se dirigia para o vale do Lima através da portela da Facha (Fig. 9). A sua romanidade está bem documentada, não só na freguesia da Facha (20), como no troço situado entre esta portela e o rio Neiva, através de uma série de vestígios arqueológicos de indiscutível romanidade. Estamos a referir-nos ao Cresto que sofreu forte influência romanizante a nível de estruturas e de cerâmicas, ao castro de S. Simão — ambos em Vitorino de Piães — e ao habitat construído no terminal da ocupação romana, localizado no lugar do Sabugueiro, freguesia de Poiares (21). Ocupação que também remonta ao período romano com perduração, quase certa, pela Alta Idade Média, é a de Fundevila, sítio localizado a Poente da estrada, em frente ao Sabugueiro.

Nas imediações deste, recolhemos, há anos atrás, uma ara anepígrafa

(19) Se a cronologia destes túmulos descesse para os séculos VII-VIII d. C., como aliás o admite Alberto del Castillo, *Cronologia de las tumbas llamadas «olerdolanas»*, «Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología», Zaragoza, 1968, poderíamos então dizer que eles estavam relacionados com a ocupação adjacente que terá funcionado, com toda a certeza, no período Suevo-Visigótico.

(20) Almeida, Carlos A. Brochado de, *op. cit.*.

(21) Almeida, Carlos A. Brochado de, Baptista, António José, *op. cit.*. Recentes trabalhos realizados no perímetro do povoado permitem defender, com segurança, que a sua construção ocorreu no decurso do séc. V senão mesmo mais tarde.

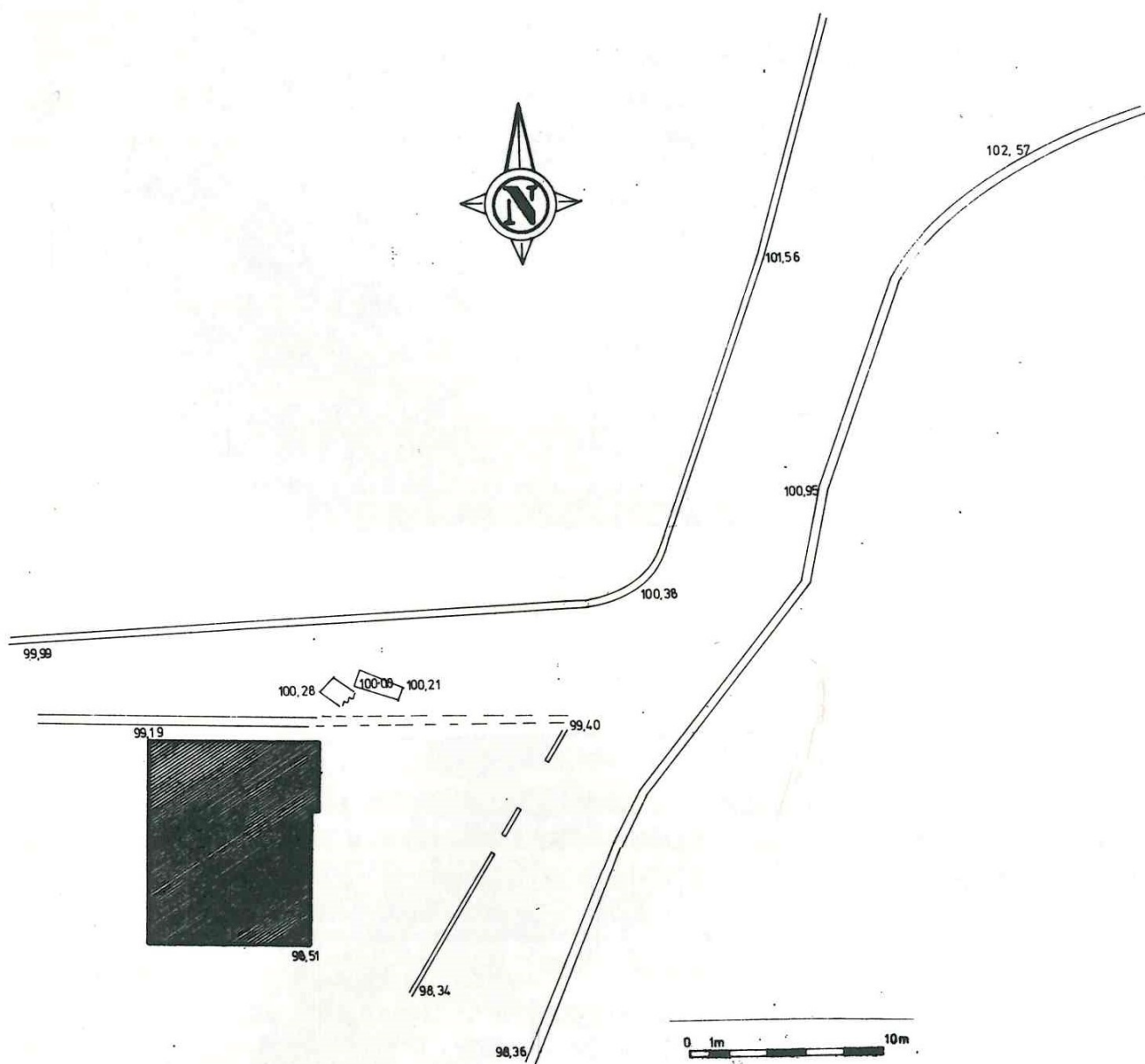


Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

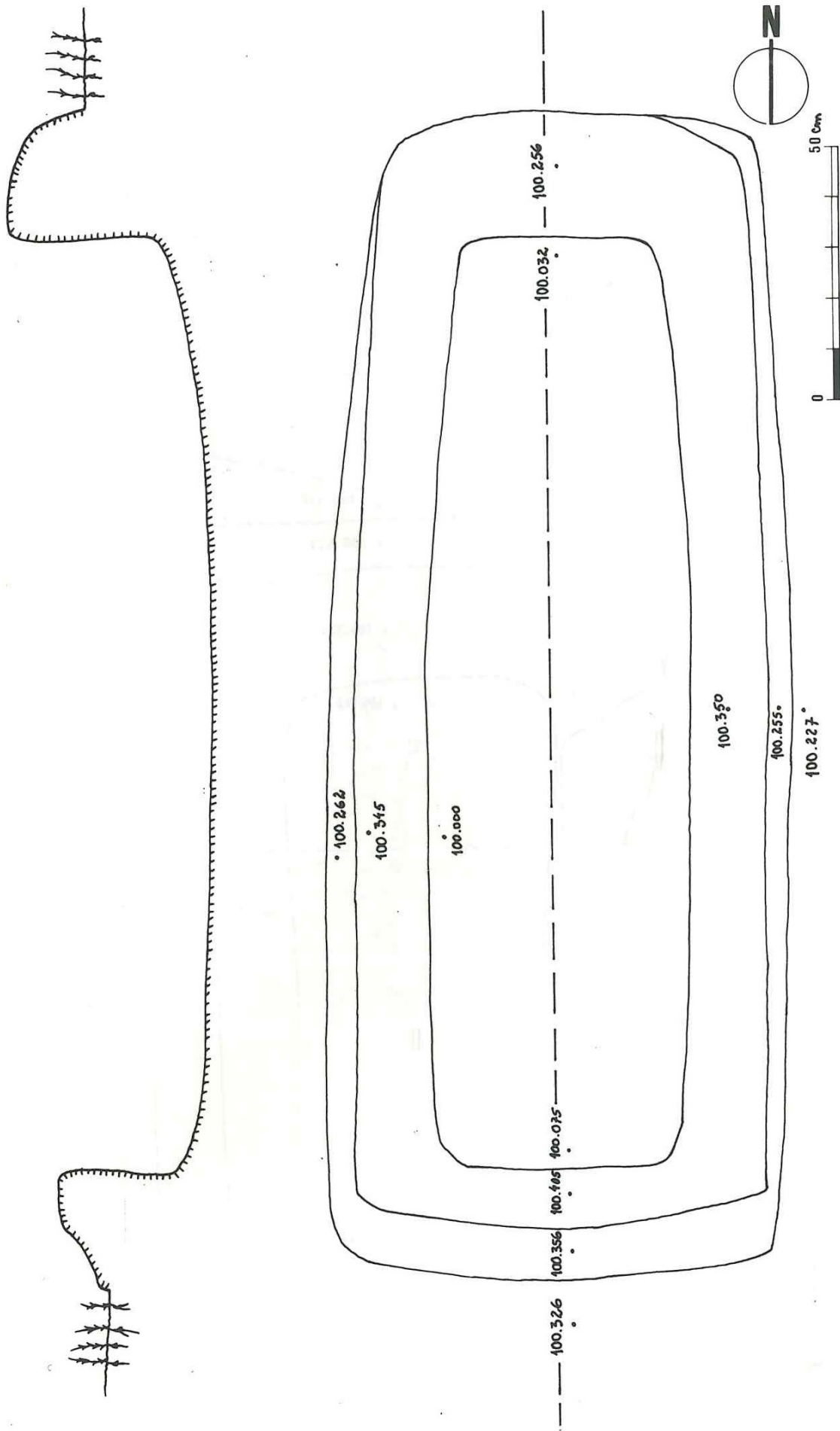
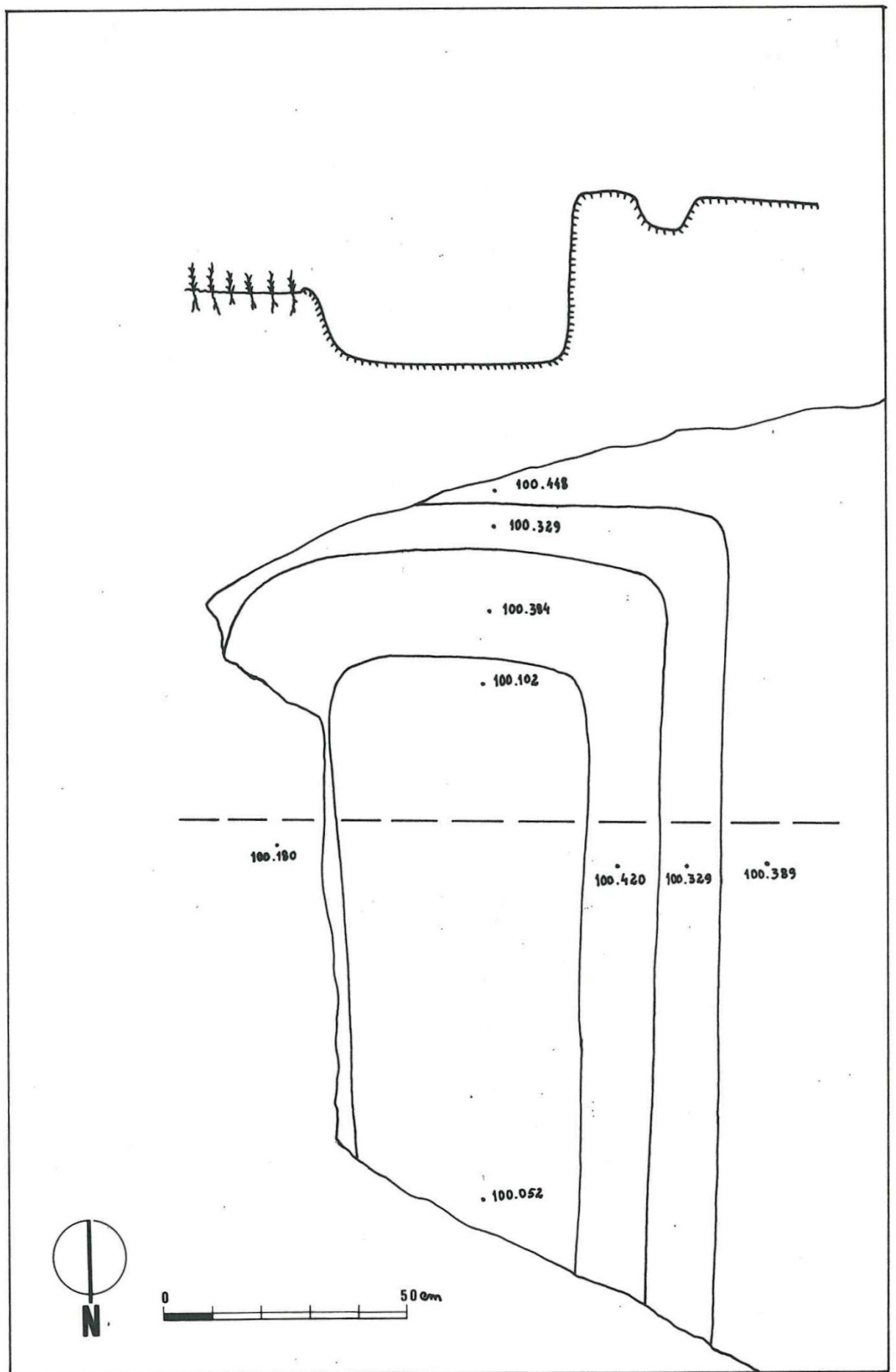


Fig. 7

Fig. 8



com a cabeça bastante maltratada (22). Cabeças de outras aras encontram-se em Vitorino de Piães. Uma está cravada num fontanário situado junto à capela de S. Pedro e apareceu numa parede localizada nas imediações do pequeno templo. A outra, hoje no Museu dos Terceiros de Ponte de Lima, foi recolhida na parede de uma propriedade situada na encosta subjacente ao castro do Alto de Valadas e também não muito longe da capela de S. Pedro.

Com o fim da ocupação romana não terminou nem decaiu o interesse por este traçado. Pelo contrário, ele continuou a servir os interesses das populações ribeirinhas durante a Alta Idade Média e séculos seguintes.

Senão vejamos. As duas sepulturas da Laje não foram aí cavadas, na nossa óptica, por acaso. É que a estrada passava-lhes ao pé, vinda dos lados de Aborim onde é apelidada ainda hoje de «mourisca» e, em 1064 era conhecida como «carraria antigua» (Fig. 1). Transpunha o rio Neiva, possivelmente, no mesmo sítio onde se construiu a célebre «pontem thabulis» como era designada, em 1135, na carta de couto da igreja de Cossourado, dada por D. Afonso Henriques a seu capelão, o arcediogo D. Afonso (23). Nos inícios da Idade Moderna esta ponte foi reformulada, sendo então construída, integralmente, em pedra. Embora hoje e após a construção da variante que passa em frente à capela de S. Bento tenha uma serventia reduzida, conserva ainda a estrutura em cavalete com os seus dois arcos de volta inteira com silhares de boa cantaria. Com os seus 3 m de largura, não tem guardas, o pavimento é em grandes blocos graníticos rectangulares, muito desgastados pelo uso. Os paramentos denotam as reconstruções porque passou posteriormente.

Também o período medieval, nesta parte do percurso, deixou ficar dos dois lados da estrada as suas marcas. Estamos a referir-nos à igreja medieval, atribuível ao século XIII, com as arquivoltas do seu portal decoradas com palmetas bracarenses e cachorrada lisa (24), aos restos de um ajimez (25), e aos 4 sarcófagos (3 não-antropomórficos e um com

(22) Esta ara estava numa bouça, no sítio onde tinha estado a capela de S. Sebastião, antes de ter sido mudada para o local onde hoje se encontra.

(23) Almeida, Carlos A. Ferreira de, *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, 1968, pág. 185.

— Almeida, Carlos A. Brochado de, Baptista, António José, *O castro de S. Simão de Cossourado — Barcelos*, «Barcelos-Revista», Vol. II, n.º 1, Barcelos, 1984, págs. 100-101.

(24) Almeida, Carlos A. Ferreira de, *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, Vol. II, Porto, 1978, págs. 192-193.

(25) Almeida, Carlos A. Ferreira de, *op. cit.*, págs. 75-76.



Fig. 10

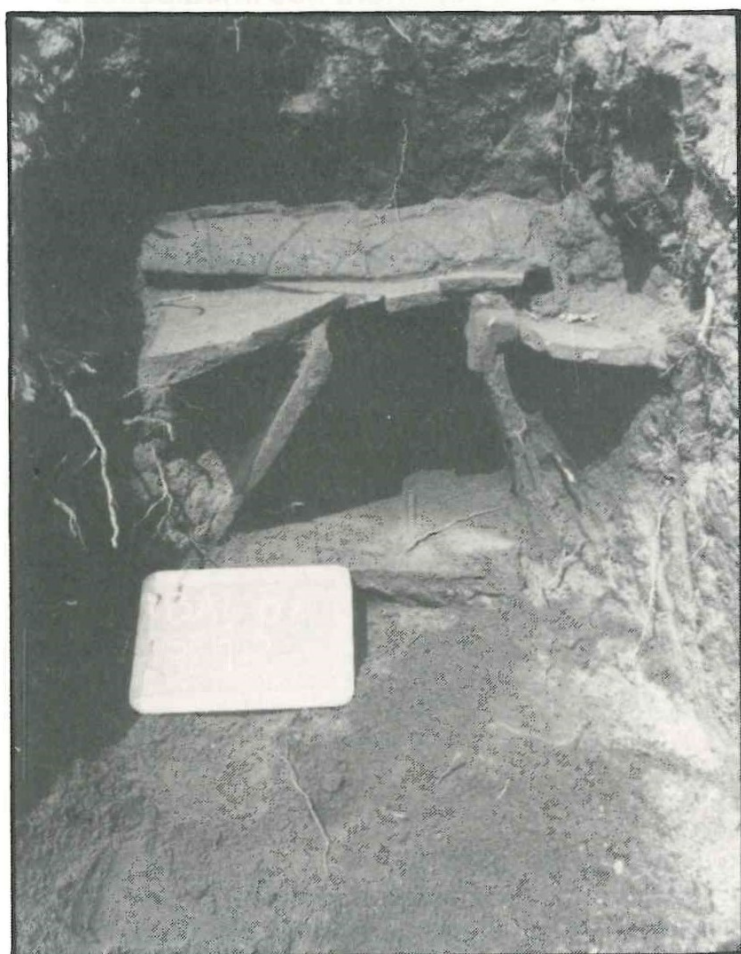


Fig. 11

tampa em estola) da igreja de Vitorino de Piães (26). Vigando o tráfego que por ela transitava, em especial o de índole militar, estava o pequeno Castelo situado num dos cabeços a Serra da Padela e mesmo em frente ao Castro de S. Simão. Dele resta uma coroa aplanada, restos de uma muralha em pedra e respectivo fosso. A ausência de cerâmica poderá significar um sítio de ocupação temporária relacionada com a protecção ao gado que pastaria nas encostas da serra e que seria presa fácil em momentos de invasão (27) (Fig. 9).

Por ela transitaram os peregrinos com destino a Santiago de Compostela, por ela viajaram nacionais e estrangeiros entre os quais avulta a figura do italiano Confalonieri, dela se serviram e servem ainda, nos troços transitáveis, os feirantes que demandam as feiras de Barcelos e Ponte de Lima.

P. S. — Já este artigo estava composto quando fomos informados pelo Dr. Tarcísio Maciel membro do Grupo de Estudos Históricos do Vale do Neiva-Durrães do aparecimento de uma sepultura nas imediações do campo de futebol.

Este recinto desportivo situa-se no lugar da Laje e relativamente perto das sepulturas cavadas na rocha. Tal facto bem pode sugerir um possível relacionamento com a ocupação tardo-romana aí existente.

A sepultura em questão — parcialmente destruída pelas máquinas que alargaram o caminho de acesso ao campo de futebol — tinha formato triangular (Fig. 10 e 11) e era constituída por tégulas e ímbrices que se encontram à guarda do referido Grupo de Investigação. No seu interior, não havia qualquer tipo de espólio.

(26) Barroca, Mário Jorge, *op. cit.*, pág. 199.

(27) Esta pequena fortaleza foi recentemente descoberta pelo Rev. P.e António Baptista pároco da freguesia da Facha. A ele os nossos agradecimentos. Os nossos agradecimentos também ao Dr. Rui Carvalho pela colaboração dos desenhos e ao Dr. Tarcísio Maciel pela cedência das fotografias n.ºs 10 e 11 e pelas informações que amavelmente nos facultou.

biblioteca
municipal
barcelos



54951

Inventário arqueológico